

# POR ONDE ANDAM OS NOMES NA GEOGRAFIA? ABORDAGENS E CAMINHOS DA TOPONÍMIA IBERO-AMERICANA

Kairo da Silva-Santos

*Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

## Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as publicações sobre a temática dos nomes dos lugares em periódicos de Geografia e, a partir disto, sistematizar a produção, com base no enfoque teórico-metodológico e no enfoque temático encontrado nestes trabalhos. A base de pesquisa está nas publicações em periódicos ibero-americanos vinculados ao Latindex. A revisão bibliográfica apresentou como resultados, primeiro, a disposição das publicações nas perspectivas das abordagens clássicas e críticas da Toponímia; segundo, a sistematização das publicações em uma classificação temática. Por último, buscou-se indicar alguns caminhos para incorporar novos elementos ao estudo crítico dos nomes dos lugares, apontando as lacunas ainda existentes no campo.

*Palavras-chave:* Toponímia Crítica; Nomeação dos lugares; Toponímia.

## Abstract

The aim of this paper is to analyze the publications about toponymy in Geography journals and, thus, systematize the production based on the theoretical-methodological approach and the thematic approach found in these studies. The research is based on publications in Ibero-American journals linked to Latindex. The literature review presented as a result, first, the disposition of the publications in the perspectives of classical and critical approaches to toponymy; second, the systematization of publications in a thematic classification. Finally, we sought to indicate some ways to incorporate new elements into the critical study of place names and highlight the gaps that still exist in the field.

*Keywords:* Critical Toponymy; place naming; Toponymy.

## INTRODUÇÃO

As últimas décadas foram fortuitas à Geografia, por incorporar novas epistemologias ao debate da disciplina, principalmente após os anos 1980. Neste período, são registradas as inúmeras viradas críticas – o chamado *critical turn*; e a incorporação de novos temas de pesquisa, em destaque ao campo da Geografia Cultural, como aponta Giraut e Houssay-Holzschuch (2016).

A Toponímia, tanto como objeto, como subcampo temático, faz parte dos novos assuntos trabalhados na Geografia. Mesmo que esteja sendo estudada desde o fim do século XIX em sua concepção acadêmica e clássica, como aponta Dorion (1984), o campo da Toponímia Crítica tem ganhado notoriedade nos últimos anos ao propor novas abordagens e questões. Sua consideração, enquanto Toponímia Crítica, ocorre quando as pesquisas buscam: compreender os processos que atuam na nomeação do espaço; na construção de narrativas com base em diferentes memórias;

nas ações de subversões às histórias oficiais, por meio do uso de nomes cotidianos, em contraponto aos nomes oficiais.

São inúmeras as questões que podem surgir do estudo dos nomes dos lugares; e diversos autores debruçaram-se sobre este assunto. Como tema multidisciplinar e interdisciplinar, o estudo sobre o nome dos lugares é abordado por distintas cátedras, da Linguística à Geografia, o que torna o resgate dos estudos toponímicos um trabalho exaustivo e de longo prazo. É prudente, como escopo metodológico, estabelecer um recorte espaço-temporal e temático, a fim de tratar dos nomes dos lugares na revisão bibliográfica. Assim, foram consideradas as publicações de artigos em periódicos ibero-americanos até meados dos anos 2020.

A Geografia muito tem a contribuir neste debate, uma vez que, sendo o espaço, o conceito historicamente central em suas discussões, não se pode perder de vista sua dimensão simbólica. Quando se parte da perspectiva de que o espaço é o locus da reprodução social, entendemos que os símbolos e seus significados são parte fundamental para construção do imaginário e das narrativas de uma sociedade. Enquanto formas simbólicas espaciais, os nomes desempenham o papel de cristalizar, no imaginário, sutilmente, os feitos e fatos da História de um grupo, de pessoas e acontecimentos importantes aos mesmos. Tais feitos, datas e pessoas ajudam a entender como esse espaço simbólico é construído e reproduzido ao longo do tempo.

Com a possibilidade de abordagens diversas e múltiplos insights, o topônimo é, antes de tudo, parte de nossas vidas e da construção de um imaginário do cotidiano. Praças, ruas, cidades e outros lugares sempre terão um nome associado. “Quais memórias esse nome carrega?”, “Porque está ‘ali’ e não ‘aqui’?” e ‘Por que ainda resiste por tanto tempo?’ são algumas possíveis perguntas que os geógrafos se colocam a responder.

No mundo anglófono, esse novo olhar crítico, chamado por Berg e Vuolteenaho (2009) de virada crítica da Toponímia, tem possibilitado responder a essa e a outras perguntas, quando se pensa a respeito dos nomes dos lugares e dos processos de nomeação do espaço. Mas, quando se observa a Geografia ibero-americana, ainda se caminha em passos lentos, tanto na quantidade de publicações quanto na abordagem teórica e metodológica adotada. Assim, por onde andam os nomes na Geografia? é a indagação que motiva a construção deste artigo. Como a temática dos nomes dos lugares e do processo de nomeação tem sido abordada, do ponto de vista teórico-metodológico, dentro das publicações ibero-americanas de Geografia?

O objetivo deste artigo é analisar as publicações sobre a temática da Toponímia em periódicos de Geografia e, a partir disso, sistematizar a produção, com base no enfoque teórico-metodológico e no enfoque temático encontrado nestes trabalhos. A base de dados para a escolha dos periódicos a serem pesquisados foi o indexador Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal - (<https://www.latindex.org>).

Cabe ressaltar que este artigo é fruto do desenvolvimento da tese de doutorado do autor, ainda por ser defendida. Desta forma, no capítulo da referida obra, que ainda será publicada, buscase aprofundar o conhecimento sobre a produção do campo da Toponímia, a fim de propor um caminho teórico-metodológico alternativo ao que se apresenta em desenvolvimento. A busca do material bibliográfico consultado nos periódicos deu-se até junho de 2020, não considerando publicações posteriores.

## TOPONÍMIA E GEOGRAFIA: NOVAS QUESTÕES E UM REGASTE DO CAMPO

A Toponímia é uma disciplina de estudo vinculada à Onomástica e a compreensão de que Toponímia e Geografia são disciplinas auxiliares no estudo dos nomes dos lugares não é recente. Poirier (1965 apud DORION, 1966) já se referia às três grandes áreas auxiliares ao estudo dos nomes, sendo a História, a Geografia e a Linguística. No Brasil, Furtado (1960) segue pensamento similar, enaltecendo que o estudo dos nomes é fundamental no conhecimento do espaço geográfico.

Se, por um lado, a relação entre História e Toponímia se faz sentir no cotidiano dos próprios fatos que os nomes revelam (DICK, 1984); por outro, a Geografia e a Toponímia se relacionam, inicialmente, a partir do posicionamento dos nomes sobre o espaço que, em última instância, materializa-se em uma grade de significados, como formas simbólicas espaciais. De certo, os estudos sobre os nomes dos lugares na Geografia passaram por diferentes influências e o principal marco para esta temática tornou-se a transição do que podemos chamar de “estudo de coleta” para o “estudo da interpretação crítica”.

As discussões recentes no campo ganharam a contribuição de diferentes autores no mundo anglófono. Em relação a obras que buscaram tipificar a produção em um passado recente da Toponímia, o primeiro destaque está na obra de Berg e Vuolteenaho (2009). Em seu livro *Critical Toponymies: The Contested Politics of Place Naming*, os autores buscam entender como os pesquisadores têm tratado historicamente o tema da nomeação dos lugares e quais caminhos epistemológicos perfazem para isto. A sistematização apresentada pelos mesmos autores, resgata as abordagens dominantes nos estudos toponímicos, anteriores ao atual cenário de estudo. Nesta perspectiva, denominada abordagem clássica, é possível dividir os estudos acerca dos nomes dos lugares em três perspectivas: a filosófica, a da autoridade técnica e a literatura histórico-culturalista.

A perspectiva filosófica tem buscado ênfase nas teorias desconstrucionistas, que têm utilizado a semiótica como ferramenta principal para investigação dos nomes dos lugares. Por outro lado, a perspectiva de autoridade-técnica é marcada pela forte presença do Estado e de organizações voltadas à gestão dos nomes no território. São exemplos, as entidades que estabelecem trabalhos no campo da padronização dos nomes geográficos. Já a perspectiva da literatura histórico-culturalista, engloba uma série de abordagens que, em grande parte, buscam em uma perspectiva histórica, resgatar as sucessões de camadas de nomes de lugares. Outros caminharam no sentido da preocupação com a genealogia dos nomes históricos, com pouco contato com as línguas atuais.

Sobre a abordagem clássica dos estudos da Toponímia, Berg e Vuolteenaho apontam que:

O caráter ateuórico das abordagens tradicionais da toponímia deve-se muito ao fato de que suas pesquisas, até recentemente, desenvolveram-se principalmente por meio de pesquisas de cartógrafos, linguistas especializados e etimologistas interessados em compreender sobre o que poderia ser chamado de ‘paisagens passadas’[...]. (BERG E VUOLTEENAHOO, 2009, p. 1, tradução livre )

A segunda obra de grande importância para a sistematização do campo foi elaborada por Rose-Redwood, Alderman e Azaryahu (2018), intitulada *The Political Life of Urban Streetscapes: Namings, Politics, and Place*. O livro discorre sobre as políticas de nomeação de ruas, reunindo autores clássicos na área e outros trabalhos mais recentes. Na direção da construção de uma tipificação para a abordagem crítica e com base nos estudos que tratam a temática de nomeação de espaços, propõem-se três perspectivas: a cidade-texto, a arena de disputa cultural e o espaço performativo.

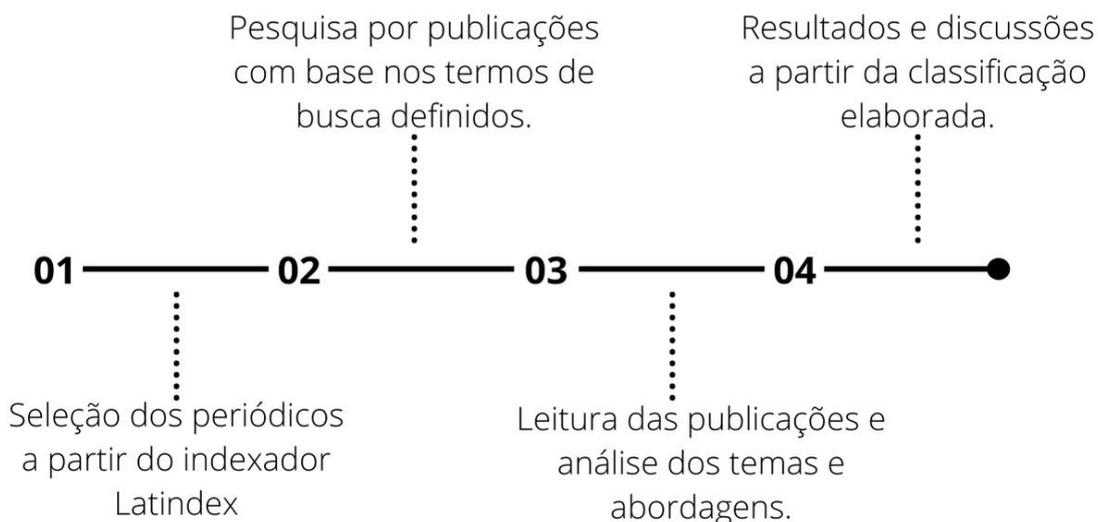
A abordagem da cidade-texto utiliza a semiótica como uma ferramenta de interpretação de como as mudanças dos regimes políticos têm transformado a cidade. Essa abordagem textual das políticas de nomeação foi “a grande responsável pelo surgimento inicial do interesse nos aspectos políticos da nomeação de ruas como uma prática espacial de contestação a comemoração” (ROSE-REDWOOD; ALDERMAN; AZARYAHU, 2018, p. 3, tradução livre ). A abordagem da arena de disputa cultural engloba as pesquisas que buscam examinar como a nomeação de ruas e as práticas toponímicas estão implicadas em questões de raça e na diferenciação de gêneros no espaço urbano. A abordagem do espaço performativo considera as práticas sociais cotidianas de resistência em relação ao emprego dos topônimos oficiais e as marcas empregadas por estas práticas na paisagem.

Para avançar na elaboração e incorporação de novas teorias sociais ao campo, é necessário conhecermos o que vem sendo publicado e discutido por nossos pares no âmbito da Geografia ibero-americana. Com base na sistematização apresentada pelas duas obras citadas, os trabalhos publicados em periódicos ibero-americanos, selecionados de acordo com a classificação proposta, são analisados, buscando entender como eles têm abordado o tema da nomeação dos lugares e a partir de quais perspectivas teórico-metodológicas.

#### *REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: CAMINHOS E ESTRATÉGIAS*

A informação é a nova riqueza do século XXI e revisitar inúmeras bases de dados em busca de trabalhos na área constitui-se em uma atividade penosa. Para realizar a revisão bibliográfica, alguns parâmetros foram escolhidos, com o objetivo de encontrar publicações em revistas ibero-americanas de Geografia, vinculadas ao Latindex, abordando, do ponto de vista teórico-metodológico, o tema da Toponímia. A Figura 1 sintetiza a metodologia de pesquisa deste artigo.

# Síntese Metodológica



**Figura 1.** Síntese da metodologia de pesquisa. Elaborado pelo autor.

Os termos de busca com maior afinidade ao campo foram utilizados como parâmetros nos mecanismos de pesquisa de cada revista, visando encontrar os artigos que versam sobre a temática. Os termos foram: 'toponímia', 'nomes geográficos', nome(s) do(s) lugar(es), 'topônimo', 'nomes de ruas' e 'paisagem das ruas'. A escolha se justifica pela proximidade e possibilidade dos trabalhos que abordam a temática conterem uma dessas expressões.

Com base no material encontrado foi realizada a leitura e classificação dos artigos em função de sua relação com o termo de busca, levando em consideração o objeto de estudo e a metodologia empregada. Uma parcela considerável dos trabalhos não tinha relação com os termos de busca que foram utilizados, constando apenas essas palavras na redação da publicação. Assim, houve uma separação entre os artigos que, de fato, abordavam a temática; daqueles que usavam os termos de busca apenas como palavras do texto.

A análise dos textos teve como objetivo sistematizar grandes áreas de tema e abordagens adotados pelos trabalhos. Com base nessa classificação, foi traçado um panorama da temática da Toponímia nos periódicos de Geografia, destacando as principais publicações e ainda, apontando algumas lacunas existentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O portal Latindex disponibiliza diferentes campos de busca, para identificar os periódicos cadastrados junto ao indexador. Foi utilizado um filtro para selecionar aqueles cadastrados na área de Geografia dentro da parte do diretório. A busca identificou 520 periódicos cadastrados, dos quais 456 encontram-se como vigentes. Os demais, foram listados com situação desconhecida ou que deixaram de realizar publicações. Porém, ao adotar o recorte ibero-americano para esta pesquisa, foram excluídos os periódicos vinculados a países como Portugal e Espanha, assim como, aqueles que englobavam localidades múltiplas.

O número correspondente aos critérios adotados foi de 284 periódicos, excluídas as duplicidades ocorridas em virtude de versões impressa e online, dos quais, retornaram a busca de um termo chave, 168 artigos. Foram descartadas as ocorrências de publicações repetidas para mais de um termo chave, uma vez que não era de interesse para a análise do conteúdo do material, sua duplicidade; tal como os artigos que, apesar de retornarem ao mecanismo de busca, não possuíam relação com o tema pesquisado. Nesse sentido, o número final para análise contou com 49 publicações.

### *Abordagens dos estudos da Toponímia*

O primeiro conjunto de dados enquadra os trabalhos produzidos nas linhas de abordagens previamente apresentadas. Apesar da proposição de Rose-Redwood et al. (2018) ter foco em demonstrar a relevância de estudos toponímicos críticos para o campo dos estudos urbanos, sua utilização é satisfatória, ao avançar na sistematização epistemológica do campo crítico. A Tabela 1 apresenta os resultados em relação aos 49 artigos selecionados para o estudo.

<b>Abordagem</b>	<b>Subcampo</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Clássica</b>	Literatura Histórico-Culturalista	26
	Filosófica	5
	Autoridade-Técnica	8
	Total	39
<b>Crítica</b>	Cidade-Texto	2
	Arena Cultural	1
	Espaço Performativo	3
	Total	6
<b>Indefinida</b>	Indefinida	4

**Tabela 1.** Número de artigos por área de abordagem e subcampos teórico-metodológicos.

Elaborado pelo autor.

O campo de trabalhos em Toponímia tem se concentrado nos últimos anos na produção a partir de uma abordagem clássica da literatura histórico-culturalista. Esse campo, dedicado a utilizar a Toponímia como fonte descritiva, para compreender a difusão da ocupação via colonização, ideais

religiosos e a construção de paisagens pretéritas; tem uma força expressiva, ao incorporar os sistemas de informação geográfica (SIG) como uma nova ferramenta para quantificar esses estudos.

O baixo número de trabalhos que possuem uma perspectiva de abordagem crítica da Toponímia (incorporando teorias e métodos das ciências sociais, por exemplo) corrobora que o campo ainda tende a crescer com temas e abordagens que privilegiam novas questões. Também revela a necessidade de que essa mudança ocorra o quanto antes, pois o debate entorno desse campo do conhecimento não pode continuar estagnado (ou caminhando a passos lentos), se almejarmos incorporá-lo com maior expressividade nos debates sobre o urbano e as políticas urbanas.

Dentro das publicações consideradas como contendo uma perspectiva crítica, vale destacar os trabalhos de Albuquerque e Ribeiro (2018); Lobato, Brum e Menezes (2018) e Véliz (2018); como suscitadores de uma nova abordagem metodológica no campo.

O trabalho de Albuquerque e Ribeiro (2018) contempla o campo das disputas político-partidárias no município de Nilópolis (município do estado do Rio de Janeiro, Brasil). Os autores exploraram diferentes locais do espaço público da cidade, que foram palco da alteração de nomenclatura, em período recente, como forma de expressar o poder de um determinado grupo político. A publicação demonstra como os topônimos são um elemento de disputa entre clãs políticos, alheios aos interesses da população local e às memórias que perfazem o imaginário e o cotidiano destas pessoas. Essa é uma grande contribuição para compreender como os nomes dos lugares são disputados e desempenham importante papel, enquanto formas simbólicas espaciais.

Em outro caminho, Lobato, Brum e Menezes (2018) rememoram a cultura popular, por meio do mapeamento de topônimos em letras do funk carioca. Durante as décadas de 1990 e 2000, a ocorrência de topônimos em letras de funk era um fenômeno que memorava os lugares simbólicos para a ocorrência do lazer da população. A partir do mapeamento desses nomes, os autores identificaram uma certa multiescalaridade, presente nos nomes que compunham a letra das músicas, referindo-se ora a uma praça, ora a um município. Apesar de ressaltarem que o topônimo não possui uma escala associada, pois pertence ao espaço geográfico, denominam que “as letras do funk funcionam como se fosse uma sanfona escalar dos nomes geográficos” (Lobato, Brum e Menezes, p. 183, 2018).

O último artigo mencionado é o de Véliz (2018) que aborda o contexto de transformação, reivindicação territorial e do imaginário do lugar, por parte do povo originário Qom, na localidade de Pampa del Indio, Provincia do Chaco (Argentina). O autor explora, por meio de práticas de cartografia social, como a construção e a difusão de mapas toponímicos do território constitui-se como importante ferramenta de reivindicação dos povos indígenas por suas terras, frente aos conflitos territoriais com os migrantes da população branca, que chegaram ao local.

As três publicações citadas acima apresentam-se de maneira profícua, ao tratar a Toponímia para além de um mecanismo de retorno a paisagens e memórias do passado. Mostram como, em temas atuais e que perpassam lutas do cotidiano, é possível investigar diferentes práticas sociais e suas formas de construir narrativas sobre o espaço, a partir de visões de mundo distintas. Isto enriquece o campo temático, ao visibilizar questões negligenciadas ou colocadas como marginais nessa (e em outras) temática(s) da Geografia.

## As temáticas das publicações em toponímia

O segundo ponto a ser apresentado são os temas debatidos por cada artigo. A classificação elaborada tem como referência as leituras in loco, possibilitando a construção de uma primeira base para compreender a produção ibero-americana sobre a temática dos nomes dos lugares. As classes elaboradas são:

- Origem toponímica: os trabalhos nessa linha têm como objetivo as discussões que versam sobre o surgimento dos nomes de lugares, os fenômenos a partir deles e estudos de caracterização dos nomes de uma dada área. Geralmente, tem apelo ao uso de classificações linguísticas, como as elaboradas por Maria V. Dick; e a definição (ou o significado) dos nomes, a partir de dicionários;
- Toponímia e Cultura: contêm pesquisas que buscam identificar o ato de nomear como um importante vetor na elaboração de paisagens, a partir da construção de identidades, símbolos e significados. O nome é um importante resquício das memórias e valores dos grupos que habitavam uma determinada cidade ou região, constituindo-se como fósseis;
- Toponímia e Geografia Histórica: a Toponímia é um elemento essencial na reconstrução e organização de espaços no passado, compreendendo as dinâmicas ocorridas em períodos estabelecidos e apresentando-se como as rugosidades remanescente no tempo e no espaço. O uso de mapas históricos, em diferentes escalas, para identificar essas formas do passado (por ventura, encontradas no presente) é o principal meio utilizado como fonte de dados;
- Toponímia e teoria: se enquadram os trabalhos que tem um viés de reflexão sobre o tema, incorporando categorias, conceitos e outras áreas de conhecimento, a fim de avançar sobre o estudo dos nomes dos lugares, tanto em matéria de métodos quanto de discussões teórico-conceituais; e
- Toponímia como parte do estudo: a Toponímia é um elemento que compõe a análise de um problema e de um objeto, mas não é o elemento central do estudo. A problemática construída leva em consideração a Toponímia, como um elemento complementar a análise.

Seguindo essa nova classificação temática, distribuiu-se os artigos selecionados, conforme apresentado na Tabela 2:

Classe	Total
Origem Toponímica	14
Toponímia e Cultura	9
Toponímia e Geografia Histórica	7
Toponímia e Teoria	6
Toponímia Parte do Estudo	13
Total	49

**Tabela 2.** Quantidade de artigos segundo a classificação temática.

Elaboração própria.

Os dados apresentados na tabela acima são de grande importância para a construção de propostas de estudos toponímicos. A classe Origem toponímica apresenta a maior quantidade de trabalhos (14) dessa sistematização, destacando-se três artigos, dentre os demais.

O trabalho de Cardoso (2009), sobre a origem do topônimo "Zona Sul", na cidade do Rio de Janeiro, traça a origem deste topônimo e como o seu significado está atrelado à construção de uma identidade para parte da sociedade carioca. Em uma perspectiva de entrelaçar os nomes, sua origem e as marcas na paisagem, Santos e Seabra (2015) realizam uma análise da motivação toponímica de natureza física em registros históricos da Comarca de Vila Rica (Minas Gerais, Brasil). A pesquisa apresenta indícios da presença de diferentes povos na região, com base na motivação toponímica dos nomes do lugar, corroborado por outros documentos, não cartográficos. No âmbito das cidades, Santos (2016) buscou investigar historicamente como os topônimos dos logradouros de São Luís (Maranhão, Brasil) se formaram e qual a razão para que alguns deles permanecessem ao longo do tempo, em detrimento de outros. O autor mostra como a transformação na paisagem textual da cidade, de um universo de valorização do mundo físico para o social, constitui-se em ato de poder e em elaboração de narrativas, ao longo do tempo, sobre o lugar.

As três publicações destacam que os nomes dos lugares, ontem e hoje, constitui-se em importante elemento para compreender o processo de ocupação do espaço. A origem do nome, remanescente de décadas e, por vezes, de séculos atrás, se estabelece como importante elemento de identificação de memórias e valores, de um passado que ainda se mantém presente, ora apenas em mapas e documentos históricos; ora no cotidiano do lugar. A abordagem, nestes dois últimos trabalhos, incorpora a classificação toponímica como etapa crucial para a compreensão das modificações das motivações toponímicas no espaço.

O segundo maior quantitativo está na classe de Toponímia como parte do estudo. Grande parte dos trabalhos considerou a Toponímia como elemento pertinente dentro do estudo, porém não central, totalizando 13 publicações. Dessa forma, o uso do topônimo como elemento metodológico se mostra considerável, uma vez que ela subsidia outras problemáticas dentro da Geografia. Um exemplo interessante é o artigo de Moraes (2017), abordando o litígio entre Brasil e Argentina, acerca da fronteira no território de Misiones. A questão é instaurada após a imprecisão de nomeação de parte da rede hidrográfica da região, dando margem a um cenário de disputa territorial entre os dois países. Havre (2019) busca caracterizar o interior baiano no século XVIII, mesmo quando a disponibilidade de materiais documentais e cartográficos para tal é escassa. Nesse sentido, utiliza-se de alguns mapas históricos, para recuperar elementos presentes no território. O nome do lugar faz parte desse quadro, uma vez que é o motor que individualiza povoados, vilarejos, acidentes geográficos e outros elementos presentes nessa cartografia.

Enquanto elemento de análise complementar, a Toponímia foi (e ainda o é) um importante objeto de identificação de diferentes formas espaciais. Em mapas, documentos ou gravuras, o topônimo é o elemento que marca no espaço o resultado de inúmeros processos atuantes ao longo do tempo. Em alguns casos, se tem apenas esse recurso, como ferramenta para identificar lugares e seus arranjos no passado; e os trabalhos supracitados explicitam essa realidade.

Na terceira posição, está a temática de Toponímia e Cultura, com 9 ocorrências, onde a escala da cidade é mais uma vez lembrada, dessa vez com a pesquisa de Teixeira, Brito e Melo (2015), sobre a consolidação da cidade potiguar, pelos nomes dos espaços públicos, desde o século XIX. Partindo da seleção de documentos e do estabelecimento de uma classificação pelos significados dos topônimos, os autores buscaram compreender a consolidação da cidade e os valores inerentes àquela sociedade, entre 1830 e 1900. Partindo para uma escala regional, Alves et al. (2016) almejou decifrar os significados e o papel dos topônimos na transformação do espaço amazônico. O topônimo foi elencado como elemento chave para perceber a relação simbólica entre o lugar e o grupo que ali viveu. Assim, os autores mapearam a espacialidade toponímica e como esta atrela-se aos diferentes processos de formação da região amazônica; refletindo, em certa medida, significados, valores e crenças dos atores que fizeram parte do processo.

Ambos os trabalhos utilizaram os nomes dos lugares como um elemento essencial na reconstrução e organização de espaços no passado, ainda que, valendo-se mais de uma abordagem quantitativa do que, propriamente, capaz de elucidar e interpretar os processos operantes.

As duas últimas classes são: Toponímia e Geografia Histórica e Toponímia e Teoria. Na primeira, os trabalhos que resgatam as modificações de porções do espaço destacam-se por meio do artigo de Membrado-Tena e Iranzo-García (2017), com enfoque na reconstrução da paisagem de uma bacia hidrográfica, a partir da análise toponímica dos nomes de lugares que designam seus núcleos de povoamento atuais. No mesmo periódico, Garau e Sebastián (2013) buscam caracterizar a paisagem de Menorca através dos topônimos. Partindo dos nomes dos lugares para reconstruir uma paisagem pretérita, ambos os trabalhos estão dentro da linha clássica de utilização do significado e da motivação do nome, como meio para alcançar as formas do passado.

Remontando à abordagem clássica, esses trabalhos utilizam os topônimos como o ponto de partida para conhecer e “reviver” a imagem de ambientes modificados e que, hoje, não condizem com os registros guardados, seja pelos nomes remanescentes, seja por outras fontes documentais de época.

Na segunda temática, Toponímia e Teoria, constam debates que propõem o diálogo com outras disciplinas, a utilização de novos métodos e a incorporação de outros elementos de discussão. Bastiani et al. (2018) estabelecem uma proposta de ampliação semântica e conceitual da noção de lugar nos estudos toponímicos, dialogando com o campo da Toponímia e as correntes da Geografia Humanista e da Geografia Crítica. A pesquisa contribui para a necessidade de se aproximar Toponímia e Geografia, não apenas no campo dos métodos de estudo, mas também em aprofundamentos teóricos. Neste mesmo caminho, Menezes e Santos (2006) discutiram anos antes a proposição do termo Geonímia para os estudos dos nomes de lugares, privilegiando a questão locacional e a análise espacial. O geônimo seria o termo conceituado para incorporar a possibilidade de georreferenciamento do nome, com base em cartas, mapas e outros documentos históricos.

As contribuições destacadas mostram-se atuais, em um cenário no qual a Toponímia se renova para sua fase crítica. Ainda assim, é ressaltada a forte presença de análises quantitativas em alguns trabalhos, por meio da classificação toponímica (ALVES et al., 2016; SANTOS e SEABRA, 2015; SANTOS 2016, e.g.) ou mesmo, pela incorporação de novas tecnologias, como o uso de SIGs, para quantificar e espacializar a relação desses nomes com as paisagens (GARAU e

SEBASTIÁN, 2013; MEMBRADO-TENA e IRANZO-GARCÍA, 2017). Destarte, as publicações ibero-americanas avançaram em poucas proposições de análise e concepção teórica de seu objeto, para além do que já foi pensado até o momento.

Em contrapartida, as proposições que buscaram iniciar um caminho em busca da incorporação de novas epistemes ao debate, ainda o fazem como pontos isolados, carecendo de mais tempo, para que seja possível o espraiamento das ideias e o amadurecimento de novas abordagens (BASTIANI et al., 2018; MENEZES e SANTOS, 2006; e.g.).

Os trabalhos que adotam uma abordagem denominada crítica da Toponímia ainda são minoria no campo de publicações ibero-americanas. Isso sinaliza que a incorporação de novos métodos e teorias, tais como as novas possibilidades de interpretação do processo de nomeação do lugar, rumo ao *critical turn*, ainda possui um longo caminho para desenvolver-se. As pistas de como incorporar conceitos, teorias e métodos de diversas áreas; mas, principalmente, da Geografia, são sinalizadas em alguns trabalhos por pesquisadores mais experientes.

No campo da Geografia Cultural, por exemplo, Roberto Lobato Corrêa sinaliza que as formas simbólicas espaciais, materiais ou não, “constituem signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados” (CORRÊA, 2007, p. 7) e, sujeitas a diversas interpretações, caracterizam-se por uma polivocalidade. O topônimo é uma forma simbólica que identifica diferentes elementos no espaço, como logradouros públicos, bairros ou cidades, atribuindo-lhes um significado, que pode valorizar ou estigmatizar o próprio objeto. Vinculadas à identidade, à espacialidade e à escalaridade; o nome, assim como o processo de nomeação, são parte de um movimento de produção (e reprodução) do espaço e sua investigação pode contribuir para entender as dinâmicas que perpassam o campo do simbólico na Geografia.

Por que os trabalhos não buscam compreender o processo de nomeação de um lugar e dão demasiada ênfase em seu produto (o nome do lugar)? Que outros conceitos podem renovar o campo do estudo da Toponímia, abrindo-o à possibilidade de novas questões sobre o modo como o topônimo é parte da (re)produção do espaço? Que outras abordagens incorporam questões de gênero, raça e classe e, conseqüentemente, de disputa do espaço, ao estudar os nomes dos lugares?

Essas são perguntas em aberto e que, na revisão bibliográfica apresentada neste artigo, ainda não foram contempladas de maneira satisfatória, na maioria das publicações em periódicos ibero-americanos. No mundo anglófono, a Geografia parece caminhar na dianteira de consolidar novos rumos, a fim de entender os nomes dos lugares como elementos importantes da (re)produção das práticas sociais de diferentes grupos, assim como, parte central do esforço em responder às novas questões de nosso tempo.

## CONCLUSÕES E ALGUNS APONTAMENTOS

Estudar as ações de nomear o espaço é compreender como diferentes grupos, apesar (e a partir) de um mesmo substrato material, produzem diferentes espacialidades. São as relações que se estabelecem junto a essa ação que produzem parte do sentido de um nome estar onde está.

Nesse sentido, o processo de nomear nunca foi tão importante quanto agora, quando se vislumbra compreender por que uns nomes e não outros estão presentes no espaço; por que determinadas áreas são nomeadas e renomeadas, em momentos diferentes; como essas mudanças ocorrem sem alardear um movimento de constante reprodução de memórias e significados no espaço. Dar forma aos processos que se desenrolam no tempo e no espaço tem sido um debate de algumas décadas na Geografia, com contribuições em diferentes áreas.

Consolidar o estudo dos nomes, como um importante processo da (re)produção do espaço na Geografia requer incorporar alguns elementos teóricos, que possibilitem uma nova perspectiva de estudo. Também requer o rompimento do tradicionalismo classificatório simples e único, para a possibilidade de novas (geo)grafias. Frente às lacunas que o campo ainda visa preencher, a exposição de que o estudo toponímico – em sua fase classificatória e inventariante – não é suficiente para responder a questões outras, sobre a construção de um espaço simbólico; não pode esgotar-se na crítica e no discurso. Algumas proposições interessantes, apontadas ao longo do texto, têm surgido para tentar mudar esse quadro (como ALBUQUERQUE e RIBEIRO, 2018; LOBATO, BRUM e MENEZES, 2018; VÉLIZ, 2018; BASTIANI et al. 2018; CARDOSO, 2009 e MENEZES e SANTOS, 2006).

Neste artigo, ao buscar sistematizar a produção ibero-americana sobre a temática da Toponímia, dentro dos periódicos de Geografia, foi possível compreender, em um primeiro plano, o enfoque teórico-metodológico dos trabalhos, identificando os temas gerais estudados e os novos caminhos a serem explorados por geógrafas e geógrafos.

O número de trabalhos que permanecem seguindo a abordagem clássica é expressivo, alcançando cerca de 80% do total. Isso mostra como uma determinada forma de pensar e estudar os nomes geográficos e o processo de nomeação do espaço ainda é dominante. O campo da literatura histórico-culturalista desempenha grande importância na incorporação de antigos e novos métodos e tem se alimentado do apelo quantitativo, como fator da recriação de paisagens e lugares do passado. O uso de SIGs para elaborar análises espaciais, a partir da presença de determinados nomes, tem sido um importante meio para se produzir novas linhas de pesquisa.

Quanto à temática, a origem de um conjunto de nomes é preponderante em relação às demais. Se, por um lado, reconstruir o passado é importante; é com base na origem do nome e em seus aspectos linguísticos e morfológicos, que esses trabalhos têm abarcado a maioria das investigações.

Os números mostram que os trabalhos que adotam uma abordagem denominada crítica da Toponímia ainda são minoria no campo de publicações ibero-americanas. Urge a necessidade de se pensar um novo caminho para a virada dos estudos toponímicos. Não se sabe como (e quando) essa mudança ocorrerá, porém, em diversos cantos do mundo, já se faz enquanto realidade. Nesta direção, este estudo almeja ser um ponto de inflexão, ao mostrar as desigualdades nos estudos toponímicos e suas (in)visibilidades, propositais ou não, dentro da Geografia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, E.; RIBEIRO, M. A. **O poder de nomear e o interesse político em renomear: conflitos toponímicos em Nilópolis-RJ**. Revista de Geografia (Recife), v. 35, n. 5, p. 190-208, 2018.
- ALVES, J. A.; LIMA, S. P. M.; COSTA JÚNIOR, W. R.; MARINHO, R. R. **Natureza, Sociedade e cultura: a Amazônia (re)inventada a partir de seus topônimos**. RAEGA, n. 19, p. 7-17, 2010.
- BASTIANI, C.; ANDRADE, K. S.; PEREIRA, C. M. R. B. **Toponímia e Geografia: diálogos possíveis no contexto da teoria da interdisciplinaridade**. Revista Caminhos de Geografia, v. 19, n. 65, p. 109-124, 2018.
- BERG, L. D.; VUOLTEENAHU, J. **Critical Toponymies: The Contested Politics of Place Naming**. Farnham: Ashgate, 2009.
- CARDOSO, E. D. **A invenção da Zona Sul: origens e difusão do topônimo Zona Sul na Geografia Carioca**. GEOgraphia, v. 11, n. 22, 2009.
- CORRÊA, R. L. **Formas Simbólicas e Espaço: Algumas considerações**. Revista GEOgraphia, v. 9, n. 17, p. 1–18, 2007.
- DICK, M. V. DE P. DO A. **Aspectos históricos de microtoponímia no Brasil**. Revista de História, v. 0, n. 116, p. 43, 7 jun.1984.
- DORION, H. Poirier, Jean, **Toponymie. Méthode d'enquête, Québec, Les Presses de l'Université Laval**, 1965, 165 p. Préface de Fernand Grenier. Cahiers de géographie du Québec, v. 10, n. 20, p. 343, 1966.
- DORION, H. **Les relations entre la toponymie et les autres sciences humaines. Alloocutions et conférences prononcées lors du premier congrès international sur la toponymie française de l'Amérique du Nord**. Anais... In: 450 ANS DE NOMS DE LIEUX FRANÇAIS EN AMÉRIQUE DU NORD. Québec: Les Publications du Québec, 1984.
- FURTADO, S. S. **A toponímia e a Cartografia**. Rio de Janeiro: Diretoria do Serviço Geográfico, 1960.
- GARAU, A. O.; SEBASTIÁN, J. B. **La caracterización del paisaje de Menorca a través de la toponimia**. Investigaciones Geográficas, n. 60, p. 155-169, 2013.
- GIRAUT, F.; HOUSSAY-HOLZSCHUCH, M. **Place Naming as Dispositif: Toward a Theoretical Framework**. Geopolitics, v. 21, n. 1, p. 1–21, 2 jan. 2016.

- HAVRE, G. V. **Cartografia do interior bahiano. Uma análise de três mapas anônimos do século XVIII.** Confins, n. 39, p. 1-20, 2019.
- LOBATO, R.B.; BRUM, J.L.S.; MENEZES, P.M.L. **Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade das músicas.** Geograficidade, v. 8, número especial, p. 175-187, 2018.
- MEMBRADO-TENA, J. C.; IRANZO-GARCÍA, E. **Los nombres de lugar como elementos evocadores del paisaje histórico. Análisis de la toponimia de los núcleos de población de la cuenca del Vinalopó.** Investigaciones Geográficas, n. 68, p. 191-207, 2017.
- MENEZES, P. M. L. DE; SANTOS, C. J. B. DOS. **Geonímia do Brasil: Pesquisa, reflexões e aspectos relevantes.** Revista Brasileira de Cartografia, n. 58, p. 8, ago. 2006.
- MORAES, C. DE. **O Mapa do Território Nacional de Misiones (1881) na conjuntura da disputa territorial entre Argentina e Brasil.** Confins, n. 30, 13 fev. 2017.
- QUENTAL, P. A. **A latinidade do conceito de América Latina.** Geographia, v. 14, n. 27, p. 46-75, 2012.
- ROSE-REDWOOD, R.; ALDERMAN, D.; AZARYAHU, M. (EDS.). **The Political Life of Urban Streetscapes: Namings, Politics, and Place.** New York: Routledge, 2018.
- SANTOS, L. E. N. dos. **Toponímia, Poder e Identidade: Uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão.** Geo UERJ, n. 28, p. 171–195, 2016.
- SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C. **Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos.** Revista Brasileira de Cartografia, v.4, n. 67, p. 787-804, 2015.
- TEIXEIRA, R. B.; BRITO, J. F. B.; MELO, C. **A cidade por seus nomes: a consolidação da cidade potiguar pela nomenclatura dos espaços públicos.** Confins, n. 23, p. 1-18, 2015.
- VÉLIZ, C. C. **“Qaralamaxat Qarma’ – Nuestros lugares”, toponimia y oralidad como medio de reivindicación territorial en el Chaco argentino.** Revista de Geografía Espacios, v. 8, n. 15 p. 21-45, 2018.